

lado nenhum, mas foi uma pessoa bastante válida e que nos permitiu, a meio do processo de gravação do disco, simplesmente despedir produtores! Que, por sinal, eram amigos dele. O Carlos permitiu-nos sermos nós próprios. Paulo: E já agora refira-se a Aurora Pinheiro. Na altura era manager dos Censurados e, depois de assistir a um ensaio nosso, foi ela que nos levou ao Carlos. Fizemos uma *tour* abrindo para os Censurados, promovemos o «Thoughts» na estrada e acho que foi a partir daí que as coisas começaram realmente a acontecer para os Ramp.

Diferenças. Naturalmente, haverá muitas mas, para vocês, quais são as principais entre estar nos Ramp em 1992 e em 2012?

Rui: Em relação à forma como encaramos os discos, acho que continua mais ou menos imaculada. Tentamos fazer o melhor possível a cada nova vez e levamos as coisas ao limite. Se calhar uma inconveniência resultante dessa nossa exigência é o facto das edições serem tão espaçadas. Essa perspectiva é a mesma, perdeu-se é alguma da tal inocência, mas por um lado é bom porque temos mais maturidade e uma noção mais real daquilo que rodeia uma banda. Continuamos a ter aquele encanto pelo trabalho nos Ramp, só é diferente porque já não há tanto o deslumbramento pela descoberta. Infelizmente, já aprendemos o *b-a-bá* de como isto funciona e garanto-te que há coisas que não são necessariamente agradáveis. Situações que, em certa altura das nossas vidas, já nos fizeram pensar se vale a pena fazer música ou não. Quando, de repente, és confrontado com certas realidades relacionadas com o negócio musical e a forma como as coisas acontecem... uma pessoa fica um pouco entristecida. Afinal, não basta só fazer música e fazê-la bem.

Ricardo: Talvez por causa dessas situações, tenhamos perdido dois elementos. Tanto o Sapo como o Tô-Zé, de certa forma, cansaram-se desta indústria, que chega a ser complicada. Quanto mais percebemos, mais nos podemos desiludir... e muitos não estão dispostos a isso.

Há interesse ou planos para reeditar o «Thoughts»?

Rui: Há procura pelo «Thoughts». Neste momento é um álbum de culto no meio underground. Há muitas pessoas que o tentam comprar e só é possível numa cópia em segunda mão. Sabemos até de situações de leilões na *net* em que o álbum é vendido por valores bem altos.

Paulo: Eu comprei. [risos] O álbum estava a 75 euros, mas vim a descobrir que era uma pessoa conhecida e vendeu-me por 25. Mas nota-se que há um interesse em torno do disco, sim.

Rui: Como tivemos uma viagem tortuosa no caminho editorial – cada disco, sua editora – isso torna o fundo de catálogo completamente disperso. O disco pertence ao grupo Universal e a verdade é que eles não mostram grande interesse numa nova edição, o que não quer dizer que não venha a acontecer no futuro. A ideia do *best of* é também a de uma retrospectiva da banda, mas não vamos regravar temas. Não temos vergonha do «Thoughts», foi



gravado como foi e é assim. Vamos ter então uma compilação seleccionada entre todo o nosso material e um outro CD com seis covers gravadas recentemente, as versões «Try Again» e «Planet Earth» e ainda seis temas acústicos que estamos a ultimar.

Pelo que sei, continuam a tocar o tema-título ao vivo. Algo que acham honroso para com o passado dos Ramp e que vos continua a dar gozo?

Ricardo: Quando o conseguimos tocar... [risos] Aquilo é puxadote.

Rui: É, acaba por ser um tema mais de teimosia do que de eficácia. Quando actuamos, o público que temos não é exactamente só o que nos

conhece do «Thoughts»; temos público que começou com Ramp em todas fases, inclusive só no «Visions» – e esse pessoal, quando ouve a música «Thoughts» fica um pouco... há?! Tem esse efeito.

Ainda se lembram da maioria dos riffs dos seis temas originais, se fosse preciso tocá-los amanhã?...

Paulo: Então não lembro... como se fosse ontem! A sério, acho que basta só passar por aquilo uma ou duas vezes e vem tudo à memória.

Ricardo: Lembro-me até de coisas que nem sequer foram editadas no «Thoughts», partes de temas anteriores que continuam aqui, na cabeça.

E as letras, ainda estão todas aí?

Rui: Todas não, mas eu tenho um problema mesmo de Alzheimer. Acho que vou acabar a cantar – se houver hipótese para isso – com teleprompto! Mas, por exemplo, quando pensámos em tocar o «Thoughts», pensei logo a seguir – “*não sei se me lembro do tema.*” Quando começámos a tocá-lo, recordei-me logo da letra. Assim como do «The Last Child» quando gravámos agora o acústico, “apareceu-me” a letra. Elas estão lá nos confins das memórias.

Ricardo: Mas ele também tem a capacidade de encaixar a letra de uma música, noutra diferente...

Rui: Sim, já aconteceu. E houve quem não desse por nada. [risos]

20 anos depois, «Thoughts» continua a ser razão de celebração? Está previsto algo especial para este ano, como por exemplo, um concerto comemorativo?

Rui: Há uma coisa que gostaríamos de fazer, mas não passa única e exclusivamente pela nossa vontade – um espectáculo em que conseguíssemos ter no palco o Sapo e o Tô-Zé; isso sim, para mim seria a celebração máxima e um momento bastante importante, juntando pelo menos esses dois personagens que, para mim, continuam a fazer parte dos Ramp. Mas isso depende de muitas variáveis e também da vontade deles.

WWW.RAMPMETAL.COM

ESTÓRIAS INESQUECÍVEIS

Ricardo: Para mim, ineqquecível foi termos despedido os produtores! [risos] O Jorge Quadros e o Rui Fadigas fizeram um excelente trabalho em gravação a captação mas, depois nas misturas, o conceito deles não tinha nada a ver com o metal. Em plenas sessões, decidimos que a coisa não estava a correr bem e conseguimos fazer o trabalho à nossa maneira.

Rui: Pessoalmente, a maneira como os Ramp aparecem a abrir para os Sepultura será inesquecível. Certa noite estou a dar uma entrevista no extinto Pop Off, falo sobre esse desejo e, passado uma semana, a nossa *manager* recebe um telefonema da Tournée para abrimos para Sepultura! Foi uma surpresa completa, ainda mais quando era só o terceiro concerto dos Ramp.

Paulo: Eu recuaria ainda antes da edição do «Thoughts», a algo que foi extremamente importante para nós – conhecermos o Rock Rendez-Vouz. Um dia tivemos a oportunidade de tocar lá, abrindo para os Braindead. Quando acabámos, o técnico de som perguntou ao público – Querem mais Ramp? E toda a gente – Nããão! [risos]